

ÁGUAS LIVRES

BOLETIM INFORMATIVO DA COMPANHIA DAS AGUAS DE LISBOA

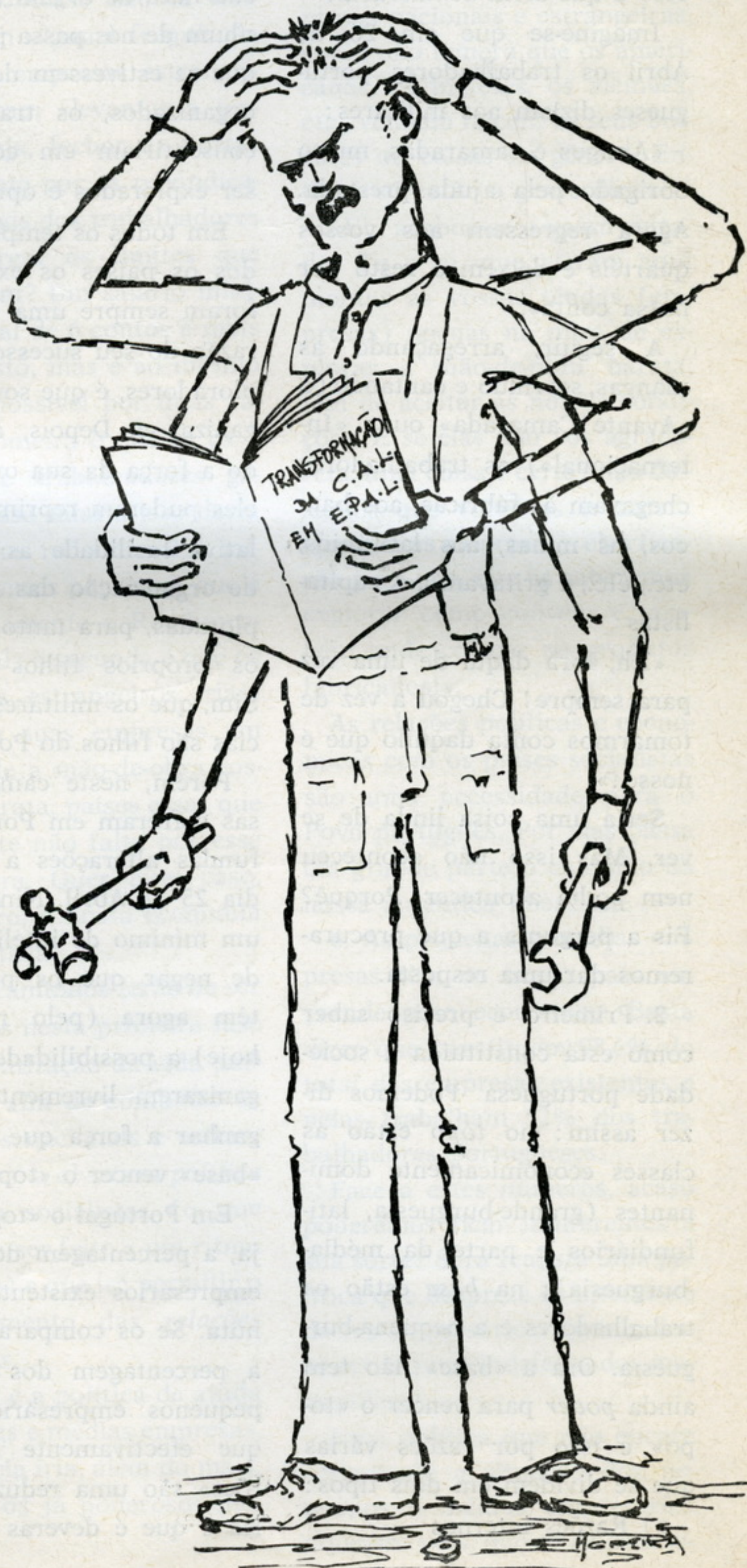
Com a colaboração de mais de três milhões de trabalhadores ★ Boletim Livre N.º 44 ★ Setembro / Outubro - 1974

A Companhia das Águas de Lisboa (C. A. L.), passará, a partir de 31 de Outubro de 1974, a denominar-se Empresa Pública das Águas de Lisboa (E. P. A. L.).

Apareceram, já, dois projectos de diploma com vista à integração, directa, do serviço de abastecimento de água a Lisboa e concelhos limítrofes, no Aparelho Estatal.

Aos Trabalhadores depara-se uma nova situação que deverão analisar, em profundidade, com os seus delegados sindicais e o auxílio dos respectivos Sindicatos e Intersindical.

O estudo prévio, que recomendamos seja imediato e meticoloso, poderá evitar surpresas.



ESCLARECIMENTO POLÍTICO

Por: GOMERCINDO CARVALHO

1. O ideal para todos os trabalhadores era eles governarem-se a si próprios, era serem eles a dispor das suas vidas. Isso é que seria *democracia*!

Imagine-se que em 26 de Abril os trabalhadores portugueses diziam aos militares:

«Amigos e camaradas, muito obrigado pela ajuda prestada. Agora regressem aos vossos quartéis e deixem o resto por nossa conta».

A seguir, arregaçando as mangas, sorrindo e cantando (o «Avante Camarada» ou a «Internacional») os trabalhadores chegavam às fábricas, aos bancos, às minas, aos latifúnios, etc., etc., e gritavam aos capitalistas:

«Eh, fora daqui de uma vez para sempre! Chegou a vez de tomarmos conta daquilo que é nosso!»

Seria uma coisa linda de se ver. Mas isso não aconteceu nem podia acontecer. Porquê? Eis a pergunta a que procuraremos dar uma resposta.

2. Primeiro é preciso saber como está constituída a sociedade portuguesa. Podemos dizer assim: no *topo* estão as classes economicamente dominantes (grande-burguesia, latifundiários e parte da média-burguesia); na *base* estão os trabalhadores e a pequena-burguesia. Ora a «base» não tem ainda *poder* para vencer o «topo» e isso por razões várias que se dividem em dois tipos:

a) Razões internas

b) Razões externas

Uma das principais *razões internas* que leva a «base» a estar ainda submetida ao «topo» é a sua falta de *organização*. A nenhum de nós passa pela cabeça que se estivessem devidamente organizados, os trabalhadores consentiriam em continuar a ser explorados e oprimidos.

Em todos os tempos e em todos os países os exploradores foram sempre uma *minoría*. A razão do seu sucesso como exploradores, é que souberam organizar-se. Depois, aproveitando a força da sua organização, eles puderam reprimir com relativa facilidade as tentativas de organização das massas exploradas, para tanto utilizando os próprios filhos do Povo. Sim, que os militares e os polícias são filhos do Povo...

Porém, neste campo as coisas sofreram em Portugal profundas alterações a partir do dia 25 de Abril. Ninguém com um mínimo de inteligência pode negar que os portugueses têm agora (pelo menos até hoje) a possibilidade de se organizarem livremente e assim ganhar a força que permita à «base» vencer o «topo».

Em Portugal o «topo», ou seja, a percentagem dos grandes empresários existentes é diminuta. Se os compararmos com a percentagem dos médios e pequenos empresários, vemos que efectivamente os «tubarões» são uma reduzida minoria e que é deveras espantoso

como eles nos puderam explorar e oprimir durante tanto tempo.

Mas os «tubarões» portugueses não estão sós, eles têm poderosos *aliados* nos países estrangeiros. É por esse motivo que o Povo (a «base») mesmo que estivesse já organizado não poderia ainda tomar conta do *poder económico*, poder esse que é o mais forte de todos. Esta é a principal *razão externa* que leva os portugueses a estarem por algum tempo mais subjugados ao grande capital.

É por esse motivo que classificamos de autêntica *estupidez política* a atitude daqueles grupos políticos que a si próprios se chamam de «esquerda revolucionária» (e que nós chamamos de «esquerdistas»), ao dizerem ser possível *já* fazer a «revolução democrática e popular», ou seja, a revolução socialista, mesmo com um Povo ainda não politicamente organizado.

Ora, ainda que politicamente organizado, o Povo não poderia tomar *já* o poder económico.

3. Porque razão a «base» (o Povo) não poderia tomar conta do poder económico, mesmo que estivesse politicamente organizado? A razão principal, como dissemos já, é que os capitalistas portugueses estão profundamente ligados aos capitalistas estrangeiros (americanos, alemães, franceses, ingleses, etc.). Por outras pala-

bras, a economia portuguesa está profundamente dependente da economia estrangeira e a cada momento o nosso país pode sofrer as consequências de uma política que *colida* com os seus interesses.

De facto, ainda por bastante tempo o nosso país vai depender dos capitalistas estrangeiros para o desenvolvimento da sua economia. Ainda por muitos anos dependeremos dos seus *empréstimos*, dos seus *investimentos*, das suas *importações* e *exportações*.

Imaginemos por momentos que o Povo (a «base»), mesmo organizada, chegava junto de uma grande empresa e dizia:

«Vá, passem para cá as chaves! Daqui para o futuro a gente administra isto!»

E imaginemos que começavam efectivamente a administrar, até com sucesso. Mas o que sucederia a seguir? Se a empresa tivesse capitais estrangeiros nela investidos, logo começaria um *boicote económico* por parte dos capitalistas estrangeiros, boicote esse que se verificaria a todos os níveis: empréstimos, investimentos, importações, exportações, etc..

4. Nas condições em que a nossa economia actualmente se encontra bastaria que os ingleses, os americanos e os alemães, feridos nos seus interesses, dissessem *não* aos produtos que para lá exportamos, para logo sofrermos um *colapso económico*.

Só por si estes três países ocupavam em 1972 quase metade das nossas exportações. Como poderíamos, pois, suportar um boicote económico da sua parte? Daí que talvez se

compreenda agora melhor a política cuidadosa do nosso *governo provisório*.

Como poderia ir ele para as *nacionalizações* das grandes empresas se de um modo ou outro elas estão ligadas ao capital estrangeiro? Ou mesmo ir para uma política salarial que *desencorajasse* os investimentos estrangeiros? Acaso não se verifica já com alguma frequência que certas empresas estrangeiras procuram «levantar a tenda», ou seja, fechar as portas precisamente por as reivindicações salariais dos trabalhadores ultrapassarem os limites que lhes convêm? Um salário mínimo nacional de 6 contos é mais do que justo, mas é ao mesmo tempo impossível por duas razões: a primeira é que se os 3 milhões de trabalhadores ganhassem esse salário isso daria em números redondos 216 milhões de contos por ano o que é aproximadamente o Rendimento Nacional; a segunda é que os capitalistas estrangeiros iriam montar as suas empresas em países onde a mão-de-obra fosse mais barata, países esses que infelizmente não falta por esse Mundo fora. Quer num caso, quer noutro, a nossa economia não aguentava...

5. Dois caminhos terão de ser percorridos nesta primeira fase da democratização da vida portuguesa, a fim de combater os monopólios nacionais e estrangeiros. Um é a *abertura política* aos países socialistas (o que aliás está a ser feito a um ritmo inesperado) e que irá permitir o desenvolvimento das *relações económicas*.

O outro, é a política de ajuda às pequenas e médias empresas, cuja falência iria, além do mais, fortalecer os já poderosos monopólios.

Efectivamente, quando Portugal tiver fortes relações económicas com os países socialistas, a nossa economia deixa de estar sujeita às pressões (ameaças) políticas e económicas dos capitalistas estrangeiros. Nessa altura, se o Povo (a «base») estiver suficientemente organizada e exigir uma política de nacionalizações das grandes empresas nacionais e estrangeiras, então não temerá que os americanos, os ingleses, os alemães, etc., venham lá com os seus boicotes ou coisas no género. Então e só então a gente dirá:

«Eh, acabou-se o vosso reinado! Tu e tu, que vieram aqui montar as vossas tendas (empresas) apenas na mira de explorar a mão-de-obra barata, têm de aceitar as nossas condições. E se elas não vos agradarem, uma coisa é certa: não deixamos que vocês as levantem (fechem as empresas), elas ficarão para nós, que as saberemos explorar como convém e também onde colocar os produtos fabricados!».

As relações políticas e económicas com os países socialistas são uma necessidade para o Povo português. Por elas passa em grande parte o caminho da nossa autêntica liberdade.

6. As pequenas e médias empresas têm no nosso país um grande peso económico. Basta dizer que constituem 98,6% do total das empresas existentes e nelas trabalham 52% dos trabalhadores portugueses.

Face a estes números, acaso poderemos ficar indiferentes à sua sorte? Será realista uma política que despreze os interesses destes empresários, que os deixe ser vítimas indefesas dos monopólios?

Uma política que não encare seriamente a situação dos pequenos e médios empresários no nosso país, que os deixe sozi-

nhos em campo face à gula do grande capital, erra em dois aspectos importantes:

1) Fortalece ainda mais a concentração monopolista, consolidando portanto o seu poder

2) Lança no desemprego centenas de milhar de trabalhadores, com todas as consequências daí decorrentes.

O actual governo provisório, atento a este problema, estabeleceu uma política de ajuda à pequena e média empresa, correcta. Neste momento político uma tal ajuda tem, pois, além de outros efeitos mais, uma feição anti-monopolista que interessa salientar.

Não que o futuro económico do país seja possível enveredando pelo caminho da pequena e média produção. Pensar isso seria *reaccionarismo*, seria um querer voltar atrás no tempo. Só com a grande produção nas mãos do proletariado, ou seja, em regime socialista, é possível o verdadeiro progresso do nosso Povo.

7. Quais são os caminhos políticos que se tocam já no horizonte português? Vários, e todos eles dependentes do comportamento de dois grandes *movimentos*: o Movimento Popular e o Movimento das Forças Armadas.

Se o Movimento das Forças Armadas mantiver intacto o espírito democrático que o animou no 25 de Abril, e ao mesmo tempo mantiver a aliança com o Movimento Popular, então o caminho apenas poderá ser o do *socialismo*.

Porém, se esse espírito democrático se corromper, se no seio das Forças Armadas entrar a *reacção* (perigo esse muito possível) e as dividir e as levar a romper a sua aliança com o Povo, então teremos no futuro

um regime onde uma vez mais a grande-burguesia dominará a vida do país. Não será já um capitalismo à Salazar ou à Marcelo, isto é, um *fascismo*, mas sim um novo capitalismo (neo-capitalismo) à semelhança de uma França, de uma Alemanha, de uma Inglaterra, etc..

Nesse regime neo-capitalista a palavra democracia é muito usada, os trabalhadores são enganados com todo o tipo de *falsas liberdades*. Realmente aí as pessoas podem reunir-se, discutir, associar-se, etc., mas continuam a ser exploradas pelo grande capital. Ora enquanto houver exploração não haverá autêntica liberdade.

8. Mas não basta que seja só o Movimento das Forças Armadas a manter o seu espírito democrático, a sua coesão interna. É necessário que o mesmo se passe com o Movimento Popular. Se acaso as várias organizações de *esquerda*, que são principalmente o Partido Comunista Português (PCP), o Partido Socialista Português (PSP) e o Movimento Democrático Português (MDP), não estabelecerem entre si uma estreita aliança, se elas, ao invés de se unirem se dividirem, então o inimigo anulará a acção das Forças Armadas e fará pender para o seu lado o prato da balança política. Uma *esquerda unida* será a única maneira de vencer a *direita reaccionária, fascista*, que se está a organizar apressadamente.

E como é possível a *unidade* entre as várias forças políticas de esquerda? Este é um ponto da máxima importância que a nosso ver merece larga discussão. Aqui apenas poderemos referir duas ideias muito breves.

A *unidade* seja do que for pressupõe a existência do *vário*, do *diferente*. Afirmar isto pode parecer desnecessário a

muitas pessoas, de tal modo é evidente. Contudo, a experiência diz-nos que há gente que confunde unidade com o *único*, com o *exclusivo*. Daí que tomem politicamente atitudes que em vez de unirem os trabalhadores os desunem.

Para que se estabeleça a unidade de acção entre as várias organizações políticas (assim como entre as pessoas), é necessário saber aquilo que nelas é *comum* e aquilo que nelas é *diferente*. Isto conduz à necessidade de *discussão política*, o que curiosamente assusta muitos democratas (ou tidos como tal).

9. Que *socialismo* é possível no nosso país? Fazemos a pergunta assim, pois há pelo menos dois tipos de socialismo: o *socialismo proletário* e o *socialismo burguês*.

No socialismo proletário a classe social determinante é o *proletariado* (operários industriais e agrícolas) e por essa razão é um socialismo verdadeiro. Se o proletariado português vier a organizar-se massivamente sob a orientação do seu partido (o PCP), e estabelecer uma indestrutível aliança com o campesinato (pequenos e médios camponeses), então nenhuma outra classe social poderá opor resistência e teremos num prazo relativamente breve o socialismo autêntico em Portugal.

Porém, se o proletariado português não puder (ou não souber) organizar-se, se a aliança com o campesinato não for efectivamente estabelecida, então a pequena e média burguesias (assim como sectores da grande-burguesia) manterão e consolidarão ainda mais o seu poder político, e na melhor das hipóteses teremos um socialismo burguês no qual subsistirá a exploração do homem pelo homem.

A INFLAÇÃO

Vivemos actualmente um período de crise económica. Em Portugal os governantes fascistas lançaram a economia num caos, afectando as massas trabalhadoras e os pequenos e médios empresários (comerciantes, industriais ou proprietários rurais). Os preços sobem dia a dia, as matérias-primas sobem e encarecem a produção, as pequenas e médias empresas dificilmente conseguem sobreviver, e os trabalhadores verificam que, em cada dia que passa, o poder de compra dos seus salários vai sendo menor. Estamos perante o fenómeno da inflação, fenómeno este que não se verifica apenas em Portugal, e que é um dos sintomas da crise do mundo capitalista.

Para que possamos compreender a situação económica actual, é necessário conhecermos os processos que originam e determinam o fenómeno inflacionário e os seus reflexos nos trabalhadores.

Outrora, a forma mais corrente de moeda era a moeda de metal precioso (prata e, depois, ouro). O ouro, pela sua qualidade de metal precioso, depressa assumiu o lugar de padrão para as trocas comerciais. Posteriormente, no sentido de facilitar essas mesmas trocas, a moeda de ouro foi sendo substituída por moeda em papel, à qual correspondia uma determinada quantidade de ouro nela indicada. Esta moeda em papel era, deste modo, «convertível» em ouro, pois o seu possuidor poderia trocá-la pela referida quantidade de ouro no banco emissor.

A partir de uma dada altura, começou a verificar-se que as

existências de moeda não eram suficientes para assegurar a circulação e as trocas, e os Estados viram-se na necessidade de aumentar a quantidade de moeda de papel (ou *papel-moeda*), passando este a corresponder não já a um valor real em ouro, mas a um valor fictício, igual ao que seria necessário para assegurar a já referida circulação. Este papel-moeda passa a constituir assim «moeda de curso forçado».

Quando o papel-moeda apresenta um valor superior ao da moeda-ouro necessária para cobrir a circulação monetária, esse papel-moeda deprecia-se, passando o valor de troca de cada unidade de moeda por uma mercadoria a ser menor: os preços sobem, o dinheiro vale menos. Surge a inflação, isto é, o excesso da massa dos meios de pagamento, em detrimento do seu poder de compra.

Este aumento da «massa dos meios de pagamento» dá-se porquê? Sabemos que em qualquer Estado existem despesas não-reprodutivas, ou sejam, despesas que, como as da guerra, por exemplo, não dão origem a um aumento do produto nacional: são os investimentos que não trazem lucros. Para fazer face a estas despesas dos Estados e dos monopólios a eles ligados, os bancos emissores aumentam a quantidade de papel-moeda, depreciando-o.

Sobre quem vai cair o peso desta inflação? Vai cair sobre as massas trabalhadoras, que vêem os seus salários serem cada vez mais insuficientes para a sua sobrevivência. Com as suas reivindicações, os trabalhadores conseguem ver os

seus salários aumentados. Mas não os vêem na medida das suas necessidades, pois que o patronato não os aumenta o suficiente e, além disso, irá procurar a contrapartida desse aumento numa subida dos preços das suas produções, aumentando mais ainda os lucros que já tinha, e agravando as condições de vida dos trabalhadores, que passam a ser piores que antes de se terem verificado os aumentos nos salários. Além disto, não aumentando devidamente os salários, o patronato consegue forçar os trabalhadores a procurarem trabalho por qualquer preço e sob quaisquer condições, exercendo assim a exploração de uma mão-de-obra barata. E isto acontece porque no Estado capitalista os lucros dos monopólios são preservados, em detrimento das classes trabalhadoras, uma vez que o poder não pertence a estas mas sim aos monopólios que sustentam o Estado e do qual se servem para a defesa dos seus interesses.

Em Portugal a inflação tem feito sentir largamente os seus efeitos desde há vários anos, mercê da administração de um governo fascista, corrupto, em que o poder político e o poder económico se associavam na exploração dos trabalhadores.

Para sustentar uma guerra de mais de dez anos contra os povos das colónias, as reservas existentes foram desperdiçadas, houve uma corrida aos financiamentos estrangeiros, houve todo um sugar das massas trabalhadoras no sentido de favorecer os monopólios que viam nesses territórios um vasto campo de acção para a sua expansão, para abrirem caminho ao imperialismo. Simultaneamente o melhor das reservas humanas era igualmente

destruída numa guerra que apenas a uma minoria interessava.

Entretanto, a economia estagnava, morria. Os pequenos proprietários rurais, não podendo dispor de meios para tirar o sustento das suas terras, viam-se obrigados a abandoná-las, a emigrar para o estrangeiro. Os camponeses, bem como os outros trabalhadores, em face da inflação verificada e dos salários de fome que recebiam, emigravam também.

Porém, qualquer que fosse o dia em que os trabalhadores vissem as notícias transmitidas na televisão, as primeiras que viam, em contraste com as suas condições de vida, eram as dos banquetes, das recepções, das deslocações dos elementos do governo por ocasião de esta ou daquela comemoração, de esta ou daquela inauguração, da caçada na coutada do conde ou do marquês daqui ou dacolá. Criavam-se comissões para uma multidão de fins. Havia trocas de visitas entre os membros do governo português e os de outros países, cujo auxílio financeiro era indispensável para que todos aqueles que exploravam o Povo mantivessem as suas posições, proporcionando ao mesmo tempo a esses países uma intensa «colaboração», através de garantias dadas aos seus monopólios, na exploração do Povo português.

E quem pagava todas essas despesas de banquetes e representações era o Povo através dos impostos e dos salários que não recebia e deveria receber para poder ter uma vida inerente à sua condição humana.

Finalmente veio o 25 de Abril. Tudo irá mudar: algumas coisas mudaram nestes cinco meses que já passaram. No entanto os preços continuam a aumentar. O Povo não está satisfeito: alguns dizem que «isto agora está pior do que dantes». E porquê? Não são já as festas, a ostentação. Não são já os ordenados dos elementos dessas comissões, ou dos membros dos órgãos de repressão (PIDE/DGS) que prontamente acorriam quando os trabalhadores lutavam por melhores condições de vida. Agora as causas são outras. Os fascistas, que ainda detêm o poder económico, procuram fomentar a inflação para que efectivamente se diga que «isto agora está pior do que dantes». A sabotagem económica é tentada por todos os meios: incitação a greves, destruição de colheitas, agressão ideológica e obstrução aos princípios de reestruturação enunciados no Programa do M. F. A., etc..

Temos pois que estar atentos contra todas estas manobras de sabotagem utilizadas diariamente pela reacção. Alguns produtos terão que aumentar (como já aumentaram) para que as reservas do Estado possam ser repostas. Mas há que lutar contra as manobras da reacção, destruir-lhes os monopólios, exigir do capital uma maior contribuição, democratizar, portanto, a economia. Para isso há que lutar por um desenvolvimento indispensável, e colaborar com o Governo Provisório, com o M. F. A. e com todas as organizações democráticas que defendam os interesses dos trabalhadores. Só assim conseguiremos reestruturar a economia nacional, alcançar os salários justos e o nível de vida a que temos direito.

A T R A

As afirmações feitas por Rojas e Valdez, quando da sua visita a Portugal, em comícios e estabelecimentos fabris, constituíram para o nosso povo uma preciosa lição.

No Pavilhão dos Desportos de Lisboa, Rojas, fez um breve resumo das conquistas sociais do Governo de Unidade Popular (U. P.) chefiado por Salvador Allende.

— Nacionalização das principais indústrias.

— Estatização da banca.

— Avanço apreciável no processo de reforma agrária.

— Reestruturação do ensino, tornando-o acessível às classes desprotegidas.

— Refeições gratuitas, nas escolas.

— Leite, grátis, para todas as crianças.

— Decrescimento sensível do desemprego.

E em que condições alcançou o seu governo estas conquistas?

— Travando, sistematicamente, uma luta tenaz com o extremismo e a reacção.

— Esta (a reacção), aproveitando-se do depauperamento das finanças governamentais, devido às quantias fabulosas despendidas com as indemnizações às empresas monopolistas, expropriadas, procurou, através de sabotagens de toda a ordem, criar o colapso económico que atribuiria, depois, ao governo.

— Conseguiu, quase na totalidade, pôr a classe média, que custosamente se sentia despromovida, contra ele.

— Os grandes empresários das minas de cobre (principal riqueza do Chile), antes das

GÉDIA CHILENA

nacionalizações, começaram, por sua iniciativa, a pagar aos trabalhadores, salários bastante elevados, criando uma aristocracia operária que se isolou, portanto, dos restantes trabalhadores. Esta artimanha do grande capital, cortou o caminho à formação ideológica, gerando um oportunismo que conduziu a greves reivindicativas, já com a U. P. no poder.

— Os conspiradores reaccionários, assassinam o íntegro militar, general Schneider, comandante-chefe do Exército e grande admirador de Salvador Allende.

— Fazendo o jogo do fascismo, os ultra-esquerdistas, opõem-se, freneticamente, à aliança do povo com o Movimento das Forças Armadas, conseguem debilitar este e facilitam tomadas de posição, cada vez mais arrogantes de militares golpistas. (Mostra a experiência que a reacção tira imenso proveito do ultra-esquerdismo).

— Os comerciantes puzeram em prática um açambarcamento descarado, provocando a rarefacção de produtos, especialmente alimentares.

— Ao mesmo tempo, os mesmos comerciantes, lançam-se num mercado negro, de lucros fabulosos, protegidos por um aparelho administrativo e fiscal, corrupto, que a U. P., em minoria no Parlamento, não consegue sanear.

— Os proprietários das fábricas, sabotam a produção. (A C. I. A. garante-lhes o lucro).

— Os empresários dos transportes rodoviários, suspendem a actividade, continuando, porém, a pagar aos motoristas. (Com dinheiro da C. I. A.).

Os trabalhadores, *bem orientados pelos Sindicatos*, em resposta, criaram a Junta de Abastecimento e Preço, expulsaram das fábricas os patrões sabotadores, iniciando uma autogestão eficiente (a autogestão e cogestão só se justificam com o Socialismo no poder e o governo de Salvador Allende era-o) e oferecem-se voluntários para a condução de camiões.

Melhoram, imediatamente, as condições de vida.

Mas a reacção não desarmou. A uma grande parte dos oficiais superiores chilenos, que se dizia apolítica, mas que de facto era reaccionária (o que é uma posição política), os sucessos da U. P. eram, em extremo, desagradáveis. Facilmente permeáveis aos milhões da C. I. A., não exitaram, quando todos os outros processos tinham falhado, em dar o golpe e tornar-se os carrascos do povo.

O Mundo assiste horrorizado à mais hedionda repressão, de toda a América Latina, que nada fica a dever aos crimes do nazismo.

— Só no primeiro dia são abatidos mil e duzentos militares fiéis a Salvador Allende. Este morre, combatendo pelo seu povo, no Palácio da Moneda.

— As estimativas, dum grupo de juristas europeus, dão-nos: quarenta mil mortos, dezenas de milhar de prisioneiros, dezenas de milhar de expatriados.

Os estádios são transformados em matadouros.

É um pesadelo.

No dia 15 de Setembro de 1973, no meio do estádio de S. Tiago do Chile, Vitor Jara, fundador do grupo de música Quilapayun, e um dos mais famosos cantores populares da América Latina, foi heróico.

Acompanhando-se à viola cantou, pela última vez, canções revolucionárias para a multidão de prisioneiros. Foi de imediato morto, com tais requintes de barbaridade, que sua mulher não conseguiu identificar o cadáver.

Camaradas!, felizmente para nós as condições em Portugal são diferentes. O M. F. A. está com o povo e são garante da nossa muito recente libertação de quarenta e oito anos de terror fascista.

Rojas, disse no Pavilhão dos Desportos: Hoje, na clandestinidade, no Chile, as forças progressistas, chegaram à conclusão que a principal causa da derrota da U. P. tinha sido a falta de unidade.

Unidade do povo com o M. F. A. !

A reacção não passará!

ÚLTIMA MENSAGEM DE SALVADOR ALLENDE

"Colocado num transe histórico, pagarei com a minha vida, a lealdade ao Povo. Têm a força, poderão sujeitar. Mas não se detêm os processos sociais com o crime nem com a força. O Povo deve defender-se, mas não sacrificar-se. O Povo não pode deixar-se esmagar nem crivar de balas, mas tão-pouco pode humilhar-se. Outros homens superarão este momento sombrio e amargo. Tenho a certeza que o meu sacrifício não será em vão..."

Resistência do Povo Português na Voz Chilena de

I

O PORTO COR DE CÉU

Quando desembarcas
em Lisboa,
Céu celeste e rosa,
estruque branco e ouro,
pétalas de ladrilho

as casas,
as portas,
as janelas
salpicadas de tom verde dos limões,
do azul ultramarino dos navios,

quando desembarcas
não conheces,
não sabes que por detrás das janelas
escuta
ronda
a polícia negra
os carcereiros de luto
de Salazar, perfeitos
filhos de sacristia e calabouço,
despachando presos para as ilhas,
condenando ao silêncio
pupulando
como esquadrões de sombras
sob janelas verdes,
entre montes azuis,
a polícia,
sob outonais cornucópias,
a polícia,
procurando portugueses,
escarvando o solo,
destinando os homens à sombra.

II

OS PRESÍDIOS

Mas,
português da rua,
entre nós,
ninguém
nos escuta,
sabes
onde
está Álvaro Cunhal?
Sabes, ou alguém sabe,
como morreu
o valente
Militão?
E sua mulher sabes tu
que enlouqueceu sob torturas?
Moça portuguesa,
passas como que bailando
pelas ruas
rosadas de Lisboa,
mas
sabes,
sabes onde morreu Bento Gonçalves,
o português mais puro,
honra de teu mar, de tua areia,
sabes
que ninguém volta jamais
da Ilha
da Ilha do Sal,
que Tarrafal se chama
o campo da morte?
Sim, tu o sabes, moça,
rapaz, sim, tu o sabes
em silêncio
a palavra
anda com lentidão mas percorre
não só Portugal, senão a terra.
Sim, sabemos,
em remotos países,
que há trinta anos
uma lápida
espessa como tumba ou como túnica
de clerical morcego,
afoga, Portugal, teu triste trino,
salpica tua doçura
com gotas de martírio
e mantém suas cúpulas de sombra.

PABLO NERUDA

III

O MAR E OS JASMINS

De tua pequena mão, outrora,
saíram criaturas
disseminadas
no assombro da geografia.
Assim, a ti volveu Camões
para deixar-te um ramo de jasmims
sempiterno aflorescer.
A inteligência ardeu qual vinha
de transparentes uvas
em tua raça.
Guerra Junqueiro entre as ondas
deixou cair trovão
de liberdade bravia
Transportando o oceano a seu cantar
e outros multiplicaram
teu esplendor de rosas e cachos de uvas
como se de teu estreito território
saíssem grandes mãos
derramando sementes
pela terra toda.
Não obstante,
o tempo te soterrou
o pó clerical
acumulado em Coimbra
caiu sobre teu rosto
de laranja oceânica
e cobriu o esplendor de tua cintura.

(Tradução de E. CARRERA GUERRA)

21 de Junho de 1953)

(Do jornal brasileiro «Imprensa Popular»,

IV

A LÂMPADA MARINHA

Portugal,
Volta ao mar, a teus navios,
Portugal volta ao homem, ao marinheiro
volta à terra tua, à tua fragância,
à tua razão livre no vento,
de novo
à luz matutina
do cravo e da espuma.
Mostra-nos o teu tesouro,
teus homens, tuas mulheres,
não escondas mais teu rosto
de embarcação valente
posta nas avançadas do Oceano.
Portugal, navegante,
descobridor de ilhas,
inventor de pimentas,
descobre o novo homem,
as ilhas assombradas,
descobre o arquipélago no tempo.
A súbita
aparição
do pão
sobre a mesa,
a aurora,
tu, descobre-a,
descobridor de auroras.
Como é isso?
Como podes negar-te
Ao ciclo da luz que mostraste
caminhos aos cegos?
Tu, doce e férreo e velho,
estreito e amplo pai
do horizonte, como
podes fechar a porta
aos novos cachos de uva
ao vento com estrelas do Oriente?
Proa de Europa, procura
na correnteza
as ondas ancestrais,
a marítima barba
de Camões.
Rompe
as teias da aranha que cobrem
tua flagrante copa de verdura
e então
a nós outros filhos de teus filhos
àqueles para quem
descobriste a areia
até então escura
da geografia deslumbrante,
mostra-nos que tu podes
atravessar de novo
o novo mar escuro
e descobrir o homem que nasceu
nas maiores ilhas da terra.
Navega, Portugal, a hora
chegou, levanta
tua estatura de proa
e entre as ilhas e os homens volve
a ser caminho.
A esta idade agrega
tua luz, volta a ser lâmpada,
aprenderás de novo a ser estrela.

Os Movimentos Automáticos

Hoje em dia, já se provou por meio de experiências exactas, com o auxílio do registo electrográfico dos impulsos estimulantes, que a ideia de um movimento ou de um objecto visual vinculado a um determinado movimento, vem acompanhada de uma série rítmica de impulsos que actuam sobre os músculos responsáveis pelos movimentos imaginários. Tais impulsos são enviados aos músculos, através das vias nervosas piramidais, pelos neurónios do cortex, cuja actividade se acha associada à ideia motora imaginada pelo sujeito da experiência. Por exemplo, só a ideia de um objecto muito alto — como a Ponte 25 de Abril — faz com que os impulsos estimulantes convirjam para os músculos dos globos oculares, que têm por função fazer com que os olhos girem para cima.

Um galvanómetro, suficientemente sensível, é capaz de registar as fracas correntes eléctricas que acompanham os impulsos estimulantes, criados pelas palavras pensadas (linguagem muda). A fim de poderem ser registados, os electrodos ligados ao galvanómetro, são aplicados nos lábios, na língua e nos músculos da pessoa, isto é, nos órgãos responsáveis pela fala.

Em 1958, os colaboradores do Instituto de Prótese de Moscovo, usaram, de forma engenhosa, as correntes bioeléctricas, construindo um modelo de mão humana, de metal, com os dedos móveis. O mecanismo era ligado, por fios, a uma tomada de corrente, em forma de aro; quando esse aro é colocado, como se fosse uma pulseira no pulso duma pessoa, a mão faz os movimentos imaginados pe-

lo indivíduo. Se pensar que fecha a mão, a mão artificial fará o movimento. O «milagre» técnico desenvolve-se da seguinte maneira: O cérebro, ao pensar no movimento, envia aos músculos da mão os impulsos estimulantes correspondentes, ou seja, as correntes bioeléctricas que produzem a contracção de tais músculos. As biocorrentes da mão são captadas pela tomada de corrente e são por sua vez transmitidas ao amplificador, que possui um dispositivo especial para pôr em movimento os dedos da mão mecânica. Deste modo, o homem é capaz de dirigir uma máquina por meio dos seus actos ideomotores, com o auxílio de alguns fios; é de supor que no futuro será possível dirigi-la sem os fios, utilizando, apenas, a radiotransmissão.

Breve Exame de Consciência do PEQUENO BURGUEZ

— Acalenta permanentemente a ambição-ilusão de ultrapassar o seu estrato social («subir na vida»).

— Essa ambição só por excepção se realizará.

— Ignora voluntariamente que o importante não é a solução individual (por excepção), mas que só a um nível geral e colectivo essa solução pode ser válida.

(— É em comunidade vivencial que o homem se realiza e ganha sentido como animal social que é. Tudo o que tornar relevante o ego-

centrismo e o individualismo deve ser combatido e repudiado por constituir um paradoxo).

— Atravessa a vida separado da luta de classes porque a ambição-ilusão o cega e faz egoísta — o que o conduz a não saber que para além da existência social há a consciência social.

— É, em geral, suficientemente ignorante (ou faccioso) para desconhecer as razões da sua ambição e do seu egoísmo e, supondo conhecê-las, às vezes faz gala de ser como é: mesquinho e auto-suficiente.

— Diz-se apolítico ou concorda com os pontos-de-vista progressistas, MAS SÓ EM TEORIA «para não ficar mal visto».

— Quase sempre faz «jogo duplo» e não será difícil descobrir nele um idealista envergonhado ou um reaccionário disfarçado.

— Em ocasiões críticas é quase certo tomar atitudes de «amarelo».

— Morrerá com trinta contos no Banco.

— Não se pode contar com ele para nada.

Enquanto os capitalistas tentam provocar o desânimo, a desunião e a desorganização com as suas manobras reaccionárias, os trabalhadores devem-se unir, organizar, solidarizar. Só nós, em conjunto, somos capazes de encontrar os meios eficazes de lutar contra as forças da reacção.

Unidos e organizados somos uma força invencível.

Unidos e organizados nos seus Sindicatos e à volta das Comissões Sindicais, os trabalhadores têm nas suas mãos os meios de lutarem eficientemente contra os despedimentos.

IMPEDIR OS DESPEDIMENTOS

Os trabalhadores são os produtores de toda a riqueza nacional, como tal têm direito ao trabalho, têm o direito de dizer NÃO AOS DESPEDIMENTOS.

Não interessa a palavra dos patrões de que as empresas não suportam os encargos; que não há mercado; que não há matéria-prima. Sabemos pela nossa própria experiência quanta mentira e egoísmo se esconde atrás destas afirmações.

CONTINUAR NO TRABALHO

Há que verificar: As Comissões Sindicais devem vigiar e fiscalizar as situações dos despedimentos. Os Sindicatos têm que ter acesso aos respectivos processos e interferir nos mesmos a fim de impedir os despedimentos. Os trabalhadores

despedidos devem continuar no seu trabalho. Os colegas devem solidarizar-se e impedir por todos os meios o exercício de tal violência sobre camaradas. Devemos garantir solidariamente o sustento dos nossos camaradas e suas famílias. É a forma de anular os efeitos repressivos e nocivos do despedimento. É a forma de neutralizar essa arma violenta do patronato. Nós trabalhadores devemos ser todos por um e um por todos.

Definitivamente o direito à quota-parte da riqueza nacional não deve depender arbitrariamente daqueles que sempre têm explorado os trabalhadores, daqueles que argumentam não poderem suportar os encargos dos vencimentos para poderem aumentar os seus lucros, o seu luxo.

EXIGIR NOVAS LEIS

Por outro lado devem os trabalhadores exigir que o Gover-

no tome medidas que protejam o direito ao trabalho e impeçam os despedimentos; que emita legislações fazendo depender de Sindicatos a argumentação de que as empresas não têm disponibilidades para pagar os justos salários, legislação que impeça o despedimento de trabalhadores enquanto os capitalistas se «abotoam» com milhares de contos nas suas contas bancárias particulares.

Mas os trabalhadores não devem esquecer que a vitória dependerá da forma como souberem combater todas as manobras do patronato.

A vitória será das massas trabalhadoras unidas e organizadas nas suas Comissões e Sindicatos.

*Unidos, organizados, solidários
os trabalhadores
vencerão a luta
contra os despedimentos*

Propriedade da Companhia das Águas de Lisboa

Redacção: Viriato Rocha e Raul Vital

Paginação: Nídia Henriques

Capa: Edgar Moreira

Comp. e impressão: Tip. Jorge Fernandes, Lda.—1700 ex.

O DIREITO AO TRABALHO -NÃO AOS DESPEDIMENTOS

UMA GRANDE VITÓRIA DOS TRABALHADORES

O derrube do regime fascista em 25 de Abril obriga o capital, tanto o pequeno como o grande, a adaptar-se a novas condições e procurar, dentro delas, o máximo de lucro.

Para além da procura de lucro imediato o capital monopolista também tenta, por todas as formas, criar condições ao reaparecimento do fascismo. É neste contexto que algumas grandes empresas ofereceram aumentos salariais sem os seus trabalhadores os terem reivindicado; que outras interromperam processos de negociações encetados a fim de exasperar e levar os trabalhadores a atitudes extremas; que mandatários lacaios de empresas, que antes da vitória do M. F. A. se recusavam a atender as mais elementares e legítimas reivindicações dos trabalhadores, os incitam agora para greves, que, apesar de justas, são muitas vezes inoportunas; que à sombra desses movimentos das massas trabalhadoras, com frequência provocados por eles próprios, os patrões fazem «lock-outs». Estas agitações têm por fim provocar o caos económico, a instabilidade e mal-estar social, a desconfiança e divisão dos trabalhadores.

Foi na luta contra estas provocações que se verificou uma grande vitória dos trabalhado-

res: soubemos usar a liberdade e o bom-senso.

O DESPEDIMENTO É UMA VIOLÊNCIA

Também o despedimento é uma forma de repressão e divisão sempre usado pelo patronato.

Fazendo despedimentos nas vésperas da entrada em vigor dos novos Contratos Colectivos de Trabalho, aproveitando o prazo de experiência, o patronato sempre usou essa arbitrariedade para obter ainda maiores lucros à custa dos trabalhadores e, simultaneamente criar assim um clima de medo e de incerteza. Por outro lado sempre foi a forma de afastar os trabalhadores mais reivindicativos e conscientes, ao mesmo tempo que, com isso, tentava intimidar os restantes.

Após o 25 de Abril não se privaram os patrões dessas formas de violência.

Para salvaguardarem os seus lucros, para se livrarem do pagamento do salário mínimo, para aumentarem o exército de desempregados, para tentarem dividir e desorganizar os trabalhadores, os capitalistas não hesitam em atirar para a miséria, dezenas, centenas, milhares de trabalhadores.

O DESPEDIMENTO É UM MEIO PARA MAIORES LUCROS

Assim como antes, eles esperam lucrar mesmo pagando algumas indemnizações: será um empate de capital como qualquer outro. Efectivamente a manutenção de salários de fome, o não pagamento de subsídios, etc. vai compensar em curto prazo o valor de algumas indemnizações; identicamente a criação de condições propícias ao reaparecimento do fascismo, justifica empates de capital face ao lucro que este sistema opressor proporciona aos detentores de meios de produção.

Para os trabalhadores e suas famílias serão as preocupações, mal-estar, a interrupção do estudo dos filhos, enfim, a miséria.

OS TRABALHADORES UNIDOS E ORGANIZADOS SÃO INVENCÍVEIS

Ora da mesma forma que os trabalhadores souberam denunciar e ultrapassar outras ofensivas do patronato, também saberão impedir os despedimentos e impor o direito ao trabalho.

(Continua na pág. 11)